

# #CovilhãTemForça

Exmo. Senhor Presidente da Assembleia Municipal e respetivos membros da mesa

Exmo. Senhor Presidente da Câmara Municipal da Covilhã

Exmas. Senhoras e Exmos. Senhores Vereadores

Exmas. Senhoras. e Exmos. Senhores Presidentes das Juntas de Freguesia

Exmas. Senhoras e Exmos. Senhores Membros da Assembleia Municipal

Exmo. Magnífico Reitor da Universidade da Beira Interior

Exmo. Senhor Representante do Centro Hospitalar Cova da Beira

Exmos. Representantes das Autoridades Cíveis Militares, Religiosas e Académicas

Exmos. Representantes do Movimento Associativo

Exmas. Senhoras e Exmos. Senhores Profissionais da Comunicação Social

Minhas Senhoras e Meus Senhores

Comemoramos, hoje, os 154 anos da elevação da nossa cidade – a Covilhã. Através do Decreto de 20 de outubro de 1870, o Rei D. Luís reconheceu tanto o valor desta vila como o valor da sua população.

Por isso, hoje devemos celebrar não só a cidade, o concelho, mas também a força e a determinação das nossas gentes.

A Covilhã é exemplo de resiliência e determinação, encontramos muitos exemplos no decurso da história da nossa cidade a capacidade de se reerguer.

Durante a Reconquista, a Covilhã era a capital do reino, onde o rei se instalava muitas vezes com a sua corte passando a população a organizar-se economicamente e a indústria de lanifícios a ganhar forma. Nos Descobrimentos, as nossas gentes para além de contribuírem com impostos, também muitos foram aqueles que partiram nas viagens como Pêro da Covilhã ou Frei Diogo Alves da Cunha. Também D. Sebastião, reconheceu a Covilhã concedendo-lhe o título de “notável” em 1570 e três anos depois “fomenta a organização manufatureira do trabalho dos lanifícios na Covilhã, através da designada Fábrica D’ El Rei, considerada então a primeira e a melhor do reino”. Mesmo com a depressão económica, a Covilhã soube erguer-se e em 1764, através da política de fomento foi fundada a Real Fábrica de Panos da Covilhã. Pinheiro Chavas escreve: “A Covilhã nas condições mais extravagantes do mundo todo, lembrou-se de ser manufatureira, e foi-o!”.

# #CovilhãTemForça

Na década de 1890 o movimento operário da Covilhã surge e a luta dos trabalhadores faz-se tentando fazer face às duras condições de trabalho.

Em 1910, um grupo de cidadãos covilhanenses lançou e formalizou uma petição ao Ministro do Interior do então governo provisório do País, a exigir a independência da Covilhã de Castelo Branco, elevando a cidade serrana a “capital da província da Beira Baixa”.

Embora, a partir de 1970 tenha ocorrido um abandono muito significativo de muitas das nossas fábricas, a Covilhã viu ser criado em 1973 o Instituto Politécnico da Covilhã, em 1979 passa a Instituto Universitário da Beira Interior e em 1986 surge a Universidade da Beira Interior, que soube dar vida ao nosso passado instalando-se no edifício da Real Fábrica dos Panos, preservando e criando o Museu de lanifícios. Recuperou, também, para instalações universitárias, antigas fábricas. É inegável a importância que teve o desempenho da Universidade na reutilização do património industrial. A Covilhã, deixa o título de cidade fábrica, mas adquire o nome de cidade universitária.

Embora as nossas freguesias vivessem muito da pastorícia, da venda da lã, da fiação, dos farrapos, do carvão, da agricultura ou dos lacticínios, não podemos esquecer ainda as freguesias que se encontram no couto mineiro. Com a exploração do volfrâmio tão importante nas duas grandes guerras mundiais, sendo a Panasqueira a maior mina do país e uma das maiores minas de volfrâmio do mundo.

Assim, como desde sempre, devemos enfrentar os desafios e celebrar as conquistas, como o devemos fazer no dia de hoje, sendo sempre importante refletir sobre o caminho trilhado e o futuro que se deseja construir para esta terra e para as suas gentes.

Como referi, a população do concelho da Covilhã, nunca baixou os braços face aos condicionantes que lhe estavam reservados, é essa “luta” que deve continuar a existir. Ninguém, pode ver a política como algo distante, até porque “... o homem é, naturalmente, um animal político...” e esta é a expressão da vontade coletiva e os covilhanenses estão prestes a serem chamados para expressarem essa vontade.

Não podemos esquecer dois pilares da nossa cidade os mais velhos e os mais novos, estes são o futuro da nossa terra e não se deve deixar, independentemente da “cor política”, que se aja como Aristóteles escreveu, que “a política não é adequada à juventude porque carece de experiência de vida”. Mas, são estes jovens que têm em seu poder a liberdade de querer partir ou ficar e é aqui que o município deverá apostar em manter a sua população nesta terra como foi feito em tempos passados e trazer mais pessoas para fazer com que o concelho prospere, no seu todo. Para isso, são necessárias medidas, como a atração de novas empresas, soluções para habitação com preços justos, melhoramentos

# #CovilhãTemForça

da área urbana e fomentar as acessibilidades tanto entre as freguesias do concelho e também, entre as freguesias e a cidade, para que se sintam bem na sua terra e queiram cá permanecer, porque como disse Che Guevara “A argila fundamental da nossa obra é a juventude. Nela depositamos todas as nossas esperanças”.

São os nossos idosos que nos dão alento para querer mais e melhor, com a sua história e os seus ensinamentos, a sua força e a sua perseverança, por isso, devemos trata-los com cuidado, dando por isso condições de mobilidade, por vezes escassas para quem tem problemas de se deslocar, segurança nas ruas da cidade, condições de habitabilidade, muitas vezes com falta de aquecimento nas suas casas e cuidados de saúde, tanto aos que vivem na cidade como aos que vivem nas freguesias, logo mais longe do hospital ou centro de saúde.

Cada covilhanense, com suas ideias e aspirações, é parte fundamental da construção de um concelho melhor. Através da participação e do diálogo, é possível moldar políticas que atendam às necessidades das freguesias, da cidade e do concelho.

O movimento Covilhã tem Força, acredita que o diálogo é a chave mestra do progresso. Cada freguesia, com as suas singularidades, oferece uma contribuição valiosa ao nosso concelho. Por isso, é essencial trabalharmos pela promoção da inclusão, da igualdade de oportunidades e pelo bem-estar de todos.

Citando Bismark, “A política não se faz com discursos, festas populares e canções, ela faz-se apenas com sangue e ferro” e é com a garra de todos os quantos habitam neste concelho que conseguiremos fazer da nossa terra, uma cidade, um concelho onde se queira viver e trabalhar.

Viva a Covilhã!

20 de outubro de 2024

Ana Branco